

Baixo rendimento escolar pode ter origem na visão

ORREIO BRAZILIENSIS
ANA PAULA MACEDÓ

Aulas particulares, broncas e castigos. De nada adiantam as advertências ou punições. A criança simplesmente não consegue apreender os símbolos e fixar a matéria na memória, apesar de demonstrar algum esforço. E o rendimento continua baixo, as notas vermelhas se sobressaem no boletim escolar, na evidência de uma repetência. Inconformados, os pais logo apontam uma justificativa: a preguiça ou falta de interesse. O que, afinal, pode ser verdade. Ou não.

Poucos sabem que uma consulta ao oftalmologista poderia ser decisiva para a reversão do problema. E é justamente para alertar a comunidade neste sentido que a Clínica Pacini de Of-

talmologia desenvolveu, no ano passado, uma pesquisa com 115 crianças, com idades entre seis e 12 anos, do Programa Infante Juvenil, mantido pela Universidade de Brasília.

O resultado dos exames, coordenados pela oftalmologista Mathilde Sardinha, não poderia ter sido mais significativo. Do total, 44 crianças apresentaram problemas ortópticos — lateralidade cruzada ou ambilateralidade —, disfunções que, na grande maioria dos casos, decorre de um estrabismo latente. "Este tipo de estrabismo não pode ser percebido a olho nu", explica Mathilde Sardinha que, em decorrência do convênio entre a Clínica Pacini e a Fundação Universidade de Brasília, contou com a ajuda de profissionais das mais diversas áreas de educação.

Questão é universal

O problema é muito mais sério do que se pode imaginar. E, na realidade, não se trata de uma questão ligada exclusivamente à situação socioeconômica de uma família ou mesmo um país. Tanto que, por incrível que pareça, a ortoptista Mathilde Sardinha, da Clínica Pacini, começou a se interessar pelo assunto na Europa, em 1979. "Conheci o programa na Inglaterra e Suécia. No primeiro país, o problema de defasagem de ensino é muito sério: cerca de 30 por cento das crianças são disléxicas", revela.

A dislexia — dificuldade mental e patológica de ler — dos pequenos ingleses, impedindo que cheguem a completar a escolaridade, de acordo com as pesquisas, nada tem a ver com problemas neurológicos. Tudo estaria ligado à vista. "O grande general da vida são os olhos. Todo o desenvolvimento psicológico vem dos distúrbios visuais", destaca a ortoptista.

A dificuldade de apreensão dos símbolos, por exemplo, está intimamente ligada à oftalmologia. E ainda no enfoque disciplinar, as áreas cognitivas, afetivas e motoras também ratificam os distúrbios visuais. Os pais, porém, só poderão se certificar da existência ou não desta perturbação após a criança completar os seis anos. "Até lá ocorre o que chamamos de efeito gangorra", explica Mathilde Sardinha.

COMANDO CEREBRAL

Acontece que, por coincidência ou não, a fase de alfabetização é acompanhada pelo amadurecimento da lateralidade, uma função binocular tardia, que implica em unidade de co-

mando de um hemisfério cerebral. Ou seja, a dominância de um lado do cérebro em relação ao outro. Mas, o que quer dizer isto? A própria ortoptista detalha a questão, citando crianças destras.

"Vamos supor que a criança escreva com a mão direita e que seu pé e ouvido direito também sejam dominantes. Então, o comando cerebral estará no hemisfério esquerdo do cérebro, fazendo com que a mão e o olho fixo sejam os mesmos", diz Mathilde. Com a imaturidade da função, iniciam-se as dificuldades de apreensão de letras e números. "Dai a apresentação do problema de leitura e escrita", acrescenta.

O contrário da lateralidade ou homogeneização, que resulta na coordenação perfeita dos dois olhos, chama-se lateralidade cruzada ou ambilateralidade. Em outras palavras, a indefinição do hemisfério cerebral ou escolha equivocada. Entretanto, nem sempre este distúrbio culminará em dislexia. "Se o olho ruim da criança for o esquerdo e ela for destra, não haverá problema", declara.

Nas crianças explicitamente estrábicas, segundo a ortoptista, o diagnóstico, e a própria atenção redobrada dos pais, aparece com mais facilidade. "Já no estrabismo latente, só mesmo no momento da aprendizagem", adverte Mathilde Sardinha. Com mais de sete anos de experiência na área, a ortoptista considera que, independentemente da situação aparente, o ideal é a realização de uma consulta de checagem. "O distúrbio da lateralidade dá problemas de fala também. Afinal, o áudio e o visual são os dois grandes canais", conclui.

Pesquisas advertem

Criar uma nova consciência, chamando a atenção da comunidade e do Governo Federal para a questão da aprendizagem. Este foi o principal objetivo da pesquisa pioneira desenvolvida através do convênio entre a Clínica Pacini de Oftalmologia e a Fundação Universidade de Brasília. A ortoptista Mathilde Sardinha, coordenadora do projeto, prevê que os trabalhos estarão concluídos ainda neste semestre. Com a divulgação dos resultados, espera-se um envolvimento maior dos órgãos educacionais e de saúde.

Mathilde Sardinha conta que a idéia do plano surgiu da temporada de estudos na Europa, reforçada ainda mais pelas centenas de crianças atendidas ao longo dos sete anos de experiência na área. Em 1987, com o acordo entre a clínica e a FUB, os trabalhos foram iniciados e agora já estão na fase de processamento de dados para redação final. Para a obtenção de uma visão mais ampla das necessidades das crianças, formou-se uma equipe multidisciplinar.

Pela maior facilidade de penetração, o grupo — composto por psicólogos, psicopedagogos, pedagogos, educacionais, assistentes sociais, clínicos e professores de Educação Física — escolheu examinar, a princípio, os 115 alunos do Programa Infante

Juvenil da UnB. Com as estatísticas constatadas, o objetivo, a partir de agora, é levar o plano às mais diversas escolas.

"Queremos pegar escolas de crianças ditas normais para sabermos a incidência. Pesquisar mesmo nas escolas particulares que, pelo menos aparentemente, não têm tanta preocupação com o assunto", opina. A ortoptista salienta que os distúrbios não são detectados apenas nas classes baixas, embora se perceba que as crianças de baixa renda apresentam o problema em maior número. "Pode ser agravado", diz.

Ainda em setembro próximo, a Clínica Pacini e a FUB pretendem apresentar a pesquisa nos congressos Pan Americano e Brasileiro de Oftalmologia. Depois disso, Mathilde acredita que a postura da comunidade em relação à questão se modificará. A mudança, de qualquer forma, já pode ser iniciada. E o período de férias aparece como o mais propício.

Por isso, antes de taxar a criança de preguiçosa ou desinteressada, os pais devem aproveitar o tempo livre para marcar uma consulta. E importante saber que quanto menos tempo, passado dos seis anos, maior será a eficácia e rapidez do tratamento. Pouco a pouco a criança passará a apreender os símbolos, afugentando o fantasma da repetência escolar.